

A DIDATIZAÇÃO DE UM GÊNERO DO ARGUMENTAR: A CARTA DO LEITOR¹

José Marcos de França²

Resumo: Este artigo tem como objetivo propor o gênero carta do leitor como um gênero textual a ser transposto para a sala de aula, isto é, didatizado, segundo o conceito de transposição didática de Dolz e Schneuwly (2004). A escolha deste gênero se deu por se tratar de um texto em que predominam as sequências argumentativas, por ter uma função social, por circular em suportes midiáticos, jornais e revistas, e por ser um instrumento de exercício da cidadania que pode ser transposto para a sala de aula. Assim, ao analisarmos a seção e uma carta do leitor extraída de uma edição da revista *Veja*, percebemos que as características contextuais, linguísticas e discursivas do gênero podem se tornar um instrumento de inserção social na vida dos alunos, impulsionando-os para a leitura e a expressão escrita de seus sentimentos, opiniões e posicionamentos ideológicos, diante dos fatos sociais.

Palavras-chave: Gênero textual; Carta do leitor; Sequência argumentativa.

La transposición didáctica de un género de discutir: la carta del lector

Resúmen: Este artículo tiene como objetivo proponer la carta del lector como un género que se aplicarán en el aula, didatizado es decir, de acuerdo con el concepto de transposición didáctica de Schneuwly y Dolz (2004). La elección de este tipo se produjo debido a que es un texto argumentativo dominado por secuencias, que tiene una función social, por circular en los medios de comunicación los medios de comunicación, periódicos y revistas, y por ser un instrumento de la ciudadanía que puede ser adaptado a salón de clases. Así, en el examen de la sección y la carta de un lector tomada de una edición de la revista *Veja*, se dio cuenta de que el género de las características contextuales, linguísticas y discursivas puede convertirse en un instrumento de integración social en las vidas de los estudiantes, alentándolos a leer y expresión escrita de sus sentimientos, opiniones y posiciones ideológicas, habida cuenta de los hechos sociales.

Palabras clave: Textual de gênero; Carta del lector; Argumento de secuencia.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista a dificuldade que os alunos apresentam em ler e escrever/produzir textos em que predominem sequências argumentativas, principalmente, pretende-se com este trabalho refletir sobre uma proposta de transposição didática, ou didatização, na concepção de Schneuwly e Dolz (2004), do gênero carta do leitor, que circula em jornais e revistas. Em geral, os alunos apresentam

¹ Agradecemos às professoras Dr^ª. Elvira Lopes Nascimento (UEL), em especial, e Dr^ª. Denise Porto Cardoso (UFS) pelas leituras, correções e sugestões, com certeza, muito valorosas e valiosas. Os erros que permanecerem são de nossa inteira responsabilidade.

² Professor de Língua Portuguesa das Redes Municipal de Aracaju e Estadual de Sergipe. Graduado em Letras Portuguesas pela Universidade Federal de Sergipe, Especialista em Língua Portuguesa e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: santanadefranca@yahoo.com.br

dificuldades de interpretação de textos e, ao escrever, em expor sua opinião com argumentos lógicos e convincentes, o que apontam para uma falha no processo ensino-aprendizagem desses dois aspectos fundamentais no ensino de língua materna. Para Meurer, isso é reflexo de

[um] ensino tradicional da linguagem humana fundamentado na gramática, coesão e nas modalidades retóricas, bem como nos aspectos da coerência textual, [que] tem se mostrado altamente ineficiente, não se preocupando e não dando conta das situações específicas em que os indivíduos efetivamente utilizam a linguagem como instrumento de interação, reprodução e/ou alteração social. (MEURER, 2000, p. 152)

Um aspecto relevante de nossa pesquisa é mostrar a viabilidade desse exercício em sala de aula à medida que se mostre efetivamente que se trata de um gênero do mundo real e que serve a uma prática social linguageira e de cidadania. A carta do leitor é um gênero textual escrito por quem lê e acompanha o dia a dia da vida político-social do país e do mundo, o que caracteriza o enunciador da carta do leitor como um agente produtor que se informa, acompanha os acontecimentos e os fatos, portanto, se trata de um sujeito que se posiciona diante de determinado assunto veiculado na mídia, por isso se manifesta publicamente, contra ou a favor. Assim, ao fazer a didatização desse gênero textual, caberá ao professor, ao analisar, mostrar ao aluno que se trata de uma manifestação pública contra ou a favor de alguma matéria veiculada na mídia e isso requer o exercício da argumentação.

A carta do leitor pode ser enquadrada, ainda, como um gênero textual da cidadania (NASCIMENTO; SAITO, 2006), uma vez que se trata de um instrumento simbólico (porque é constituído pela linguagem) com o qual o cidadão se posiciona criticamente sobre fatos ou acontecimentos sociais que o atingem.

Em vista disso, o ensino da leitura e da produção de textos argumentativos não deve partir de tipologias textuais e, sim, de gêneros textuais em que predominem sequências argumentativas e circulem na sociedade, no mundo real. Não se trata de ler e escrever apenas para a escola e para o professor dar uma nota, mas se trata de a escola possibilitar ao aluno a posse de um instrumento social para o exercício da cidadania, pois deve atender a um propósito sociocultural fora da escola, nas práticas sociais, ao desenvolver nos alunos as *capacidades de linguagem*.

Para os fins deste trabalho, fazendo um recorte metodológico, independentemente de atualidade, escolhemos uma edição da revista *Veja*, 1.892, ano 38, nº 7, de 16 de fevereiro de 2005, e analisamos a seção *Cartas*, descrevendo como a seção está estruturada, que posição ocupa na revista, quanto espaço ocupa, quem são os leitores que escrevem etc. Os outros aspectos a serem analisados são: a temática, a linguagem, o grau de relevância político-social e a predominância ou não das sequências argumentativas; e as suas condições de produção.

O trabalho está dividido da seguinte forma: primeiro, discutimos a didatização de um gênero textual, isto é, a transformação em gênero escolar e suas implicações no ensino de língua materna, na concepção de Schneuwly e Dolz (2004); segundo, discutimos o que é a carta do leitor (BEZERRA, 2004); terceiro, as sequências argumentativas, as condições enunciativas de produção de linguagem e as capacidades de linguagem (NASCIMENTO; GONÇALVES, SAITO, 2004); e, por fim, analisamos a seção *Cartas* da referida revista e uma carta do leitor, como um modelo de trabalho didático possível.

2 GÊNERO TEXTUAL E TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA: TRANSFORMANDO EM GÊNERO ESCOLAR

Para Schneuwly e Dolz (2004), o gênero é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, especialmente no ensino da leitura e da produção de textos orais e escritos, pois “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se, nas atividades dos aprendizes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 74). Segundo os autores, os gêneros podem ser considerados instrumentos que possibilitam a comunicação, de acordo com a concepção bakhtiniana. Contudo, na concepção desses autores, servem não somente ao propósito da comunicação mas também como “um termo de referência intermediário para a aprendizagem” (SCHNEUWLY; DOLZ, p. 75), afinal, a aprendizagem da linguagem se dá, dizem os pesquisadores, entre as práticas e as atividades de linguagem e é neste ponto que a escola deve adotar os gêneros textuais como objeto de ensino (nos dois eixos de uso: a leitura e a escrita e no eixo da reflexão linguística), considerados como artefatos sócio-históricos que circulam na sociedade.

É papel da escola, portanto, torná-los objetos de ensino-aprendizagem efetivos porque “o gênero, [antes] instrumento de comunicação, transforma-se em forma de

expressão do pensamento, da experiência ou da percepção” (SCHNEUWLY; DOLZ, p. 76), ou seja, fazer a "didatização" desses gêneros. Seguindo essa linha de raciocínio, Bezerra (2008, p. 135) nos define o processo de didatização como

[...] o processo de transformar um determinado assunto de uma área de conhecimento em objeto de ensino, a ser apresentado em sala de aula. [...]. Assim, a didatização remete às reformulações por que passa um conhecimento, a fim de que se possa introduzir o aprendiz no campo desse conhecimento.

Ao contrário do que a tradição escolar ainda vem fazendo, ensinando tipos textuais de forma reducionista, limitada e estereotipada, o ensino de língua com o gênero diversifica a leitura e a escrita, cria situações reais de comunicação, leva a ter boas razões para falar/escrever e se refere aos textos autênticos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Diante disso, concluem os autores:

A representação do gênero na escola pode, então, ser descrita como segue: trata-se de levar o aluno ao domínio do gênero, exatamente como este funciona (realmente) nas práticas de linguagem de referência. Assim, estas últimas constituem, senão uma norma a atingir de imediato, ao menos um ideal que permanece como um alvo. Decorre daí que textos autênticos do gênero considerado entram tais e quais na escola. Uma vez dentro desta, trata-se de (re)criar situações que devem reproduzir as das práticas de linguagem de referência, com uma preocupação de diversificação claramente marcada. O que é visado é o domínio, o mais perfeito possível, do gênero correspondente à prática de linguagem para que, assim instrumentado, o aluno possa responder às exigências comunicativas com as quais ele é confrontado. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 79)

Em conclusão, é somente com a escolarização do gênero que ele pode de fato tornar-se um instrumento nas mãos do aluno para que o aprendiz se torne proficiente no ato comunicativo numa situação real de uso como requerem as práticas sócio-discursivas e de linguagem. A referência de ensino deve ser o real, daí o ensino através de gêneros possibilitar essa ponte porque se trata de textos reais que circulam na sociedade. Entre esses gêneros, está a carta do leitor, que é um gênero que circula em suportes midiáticos, como jornais e revistas, principalmente.

3 O GÊNERO TEXTUAL CARTA DO LEITOR: O QUE É?

Segundo Marcuschi (2001), um gênero varia de acordo com o contexto discursivo. A estrutura de uma carta, por exemplo, em geral, é sempre a mesma. Qual

seja? De acordo com o autor: a) local, data; b) saudação; c) texto; d) despedida; e) assinatura. Contudo, como afirma Silva (1997 *apud* BEZERRA, 2003, p. 210),

[...] embora sendo cartas, não são da mesma natureza, pois circulam em campos de atividades diversos, com funções comunicativas variadas [...] assim, [estes] tipos de cartas podem ser considerados como subgêneros do maior "carta", pois todos têm em comum – sua estrutura básica: a seção de contato, o núcleo da carta, e a seção de despedida – mas são diversificados em suas formas de realização, suas intenções.

Têm-se os tipos de carta de acordo com o contexto sócio-discursivo. "É assim que temos carta pedido, carta resposta, carta pessoal, carta programa, carta circular, carta do leitor, carta ao leitor e tantas outras" (BEZERRA, 2003, p. 201).

A carta do leitor segue a mesma estrutura de uma carta pessoal, por exemplo, porém, o estilo e a linguagem são diferentes porque o contexto discursivo é diferente. A diversidade tipológica em uma carta pessoal certamente predominará a descrição, a narração, a exposição, a injunção, como bem mostrou Marcuschi (2003), ao analisar uma carta pessoal. Nesta, a linguagem beira o coloquialismo, a informalidade, por isso está mais próxima de um gênero primário, como uma conversa.

A carta do leitor, definida como um texto em que o leitor de jornal ou de revista manifesta seu ponto de vista sobre um determinado assunto da atualidade, usando elementos *argumentativos*, ao contrário, requer uma maior elaboração e ordenamento das ideias, pois se trata de um gênero secundário mais complexo, cuja linguagem tem que ser formal, na variedade padrão. Daí o papel da escola em torná-la um gênero escolar (entre outros) a ser ensinado para que o aluno desenvolva-se como leitor crítico por meio da análise do gênero e da sua reprodução. Nesse sentido é que Cardoso e Silva (2006, p. 19) afirmam: "[...] através da produção e leitura de cartas do leitor o aluno aprende a diferenciar marcas de valores e intenções de agentes produtores, em função de seus compromissos e interesses políticos, econômicos e ideológicos."

Como já foi dito, toda carta apresenta uma estrutura básica: local, data, saudação ou vocativo, texto, despedida e assinatura, contudo, quando a carta entra na seção *Carta do Leitor* da revista ou jornal, ela pode passar por um processo de triagem, paráfrase, resumo ou ter informações eliminadas, dependendo do direcionamento argumentativo (BEZERRA, 2003). Ou seja, as cartas que são editadas, na verdade, não são como realmente foram escritas pelos seus autores e, em decorrência do pouco

espaço que a revista reserva para isso, a estrutura é modificada. Todos aqueles elementos que fazem parte da estrutura básica, não aparecem. No entanto, quando o leitor/remetente se trata de alguma autoridade pública ou que ocupe alguma posição de destaque na sociedade, o conteúdo da carta é transcrito na íntegra, inclusive citando o cargo ou a função e a entidade ou órgão a que está ligado.

Os exemplos de cartas do leitor retirados da revista *Veja*, da citada edição, nos dão uma ideia da forma que essas cartas adquirem após sua editoração.

Texto A

Gostei muito da reportagem. Vivemos no cotidiano a luta do bem contra o mal – e claro que bem e mal podem ter significados inversos para cada personagem das nossas vidas.

Adriana Borges - Palmas, TO

Texto B

Fico muito feliz por saber que faço parte dos 130 milhões de brasileiros que não assistem a essa novela.

Guido Gomes – por e-mail

As cartas originais passaram por um processo de editoração, o que significa adaptação para a transposição ao contexto em que serão publicadas. Apenas uma parte do texto e da estrutura foi transcrita para a edição. Assim, em geral, são as cartas do leitor editadas pela revista: um pequeno fragmento do texto, o nome do remetente/leitor e a cidade/Estado. Levantar essas questões deve fazer parte do processo de leitura no sentido de despertar o leitor "desconfiado" das verdades absolutas que a imprensa veicula.

4 SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA, CONDIÇÕES ENUNCIATIVAS DE PRODUÇÃO E CAPACIDADES DE LINGUAGEM

Como já foi ressaltado anteriormente, predominam em uma carta do leitor sequências argumentativas. Como diz Marcuschi (2003), ao definir e diferenciar tipos textuais de gêneros textuais, há seis tipos de texto ou tipos de sequência discursiva e uma infinidade de gêneros e que os últimos são compostos pelos primeiros, ou seja, os gêneros são formados de/por tipos de texto, assim, um gênero pode ser composto de várias sequências tipológicas.

Mas o que são sequências tipológicas/discursivas? Assim definem Nascimento, Gonçalves e Saito (2004, p. 49):

As sequências discursivas são unidades estruturais que se integram e se articulam para organizar linearmente um texto de acordo com as intenções do produtor e de suas representações do seu contexto de produção.

São estruturas sequenciais básicas: as narrativas, as descritivas, as argumentativas, as explicativas, as injuntivas e as dialogais.

Essas sequências discursivas, ou tipos textuais, proporcionam "arrumar" os gêneros textuais em *agrupamentos de gêneros* de acordo com critérios como: domínio social de comunicação a que os gêneros pertencem; aspectos tipológicos que os materializam em textos empíricos; capacidades de linguagem envolvidas na produção e compreensão desse gênero. A partir desses critérios, a carta do leitor se enquadra no agrupamento com as seguintes características:

- domínio social: discussão de problemas sociais controversos;
- aspectos tipológicos: argumentação;
- capacidades de linguagem: sustentação, refutação, negociação e tomadas de posição.

Essas são as características do agrupamento do argumentar, portanto, a carta do leitor se encaixa nesse agrupamento. Isso porque as sequências argumentativas se caracterizam, segundo Nascimento, Gonçalves e Saito (2004), como o espaço em que se confrontam pontos de vista diferentes sobre um tema social controverso e, para defender o seu ponto de vista, o produtor vai expô-lo de forma que o leitor possa deduzir qual o seu posicionamento e, a partir dele, tomará posição.

Por se tratar de um gênero do agrupamento do argumentar, o aluno deve ser levado a perceber que "a atividade argumentativa é desencadeada quando se põe em dúvida um ponto de vista" (PLANTIN, 2008, p. 63), daí a necessidade de desenvolver no aluno a habilidade de argumentar para contra-argumentar, num processo dialógico, com o texto desencadeador da dúvida.

Esse processo pressupõe desenvolver no aluno as habilidades necessárias para que ele aprenda/aprenda, pois, que a princípio, numa sequência argumentativa se toma posição em relação a um tema polêmico, por isso compreende as seguintes fases: de premissas (em que se propõe uma opinião ou tese), de apresentação de argumentos, de apresentação de contra-argumentos e de conclusão (NASCIMENTO; GONÇALVES; SAITO, 2004).

Para Nascimento, Gonçalves e Saito (2004, p. 34), "um trabalho que pretenda abordar gêneros textuais como objeto de ensino atua, fundamentalmente, na (re)construção da situação de produção e na recepção do texto lido." De acordo com

Bronckart e Charaudeau, (*apud* NASCIMENTO; GONÇALVES; SAITO, 2004) as condições enunciativas de produção de linguagem são permeadas por seis fatores, indicados no quadro 1:

<i>Esfera de comunicação:</i> Qual o cenário ou a formação social (instituição: escola, empresa, mídia, família etc.)? Quais as suas regras e rotinas interacionais?
<i>Identidade social dos interlocutores:</i> Os parceiros da interlocução falam como: professor, patrão, aluno etc.?
<i>Finalidade:</i> Convencer ou persuadir a assumir tal posição? Ensinar tal conteúdo?
<i>Concepção de referente:</i> De que se fala? Qual o tema?
<i>Suporte material:</i> Em quais circunstâncias físicas o ato de interação se desenrola? Jornal impresso? Jornal <i>on-line</i> ? Oralidade? Escrita?
<i>A relação interdiscursiva:</i> Dialoga com outros textos e discursos: discurso diretamente citado? Polifonia implícita?

Quadro 1: *Fatores das condições enunciativas de produção de linguagem* (NASCIMENTO; GONÇALVES; SAITO, 2004, p. 35)

Assim, em uma análise de gêneros textuais é preciso que tais questionamentos sejam feitos. Eles devem esclarecer, segundo as autoras, os seguintes pontos ou características da situação de produção: função social do autor; imagem que o autor tem de seu destinatário; locais ou veículos onde o texto possivelmente circula; contexto sócio-histórico possível da produção; objetivo do autor do texto. Esses aspectos serão aplicados no exercício da seção 4.2.

Todo esse trabalho tem como objetivo desenvolver nos alunos as *capacidades de linguagem* de que eles precisam para a ação de linguagem que vão empreender pela carta do leitor, instrumento de comunicação para o desempenho de sua cidadania, a saber:

- *Capacidade de ação* - possibilita ao agente adaptar sua produção de linguagem ao contexto, ou seja, de contextualização, de adaptar-se à situação de interação onde emerge essa prática.
- *Capacidade discursiva* - possibilita selecionar o gênero adequado à situação, selecionar uma “arquitetura” para o texto, o que significa escolher um plano global do texto de acordo com o modelo que circula na sociedade; escolher os tipos de discurso e os tipos de sequência que vão integrar o texto.
- *Capacidade linguístico-discursiva* - significa ter capacidade para selecionar o modo de realizar a coesão do texto, selecionar a coesão verbal (tempos verbais), a sintaxe, a seleção lexical, a variante a ser adotada.

Desenvolver essas *capacidades de linguagem*, pressupõe trabalhar

[...] os dois eixos em que, segundo esses parâmetros, devem se distribuir os conteúdos: o eixo do uso da linguagem e o eixo da reflexão. No eixo do uso, quando enfocamos em nosso modelo

didático os aspectos enunciativos da linguagem: a historicidade do gênero, os aspectos do contexto dos enunciados na sua produção e na recepção, as implicações desse contexto de produção na organização dos conteúdos temáticos ideologicamente conformados através do gênero, nas estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero focalizado e as implicações do contexto de produção no processo de significação. (NASCIMENTO; SAITO, 2006, p. 2)

Ou seja, os dois eixos acima referidos devem ser trabalhados no sentido de proporcionar o uso e a reflexão da linguagem a partir do gênero escolhido e abordado didaticamente, tanto no aspecto da leitura quanto da produção de texto. É o que veremos na próxima seção.

5 ANALISANDO A SEÇÃO E AS CARTAS: O QUE ANALISAR?

Nesta seção, faremos uma descrição da seção "Cartas" da edição 1.892 da revista *Veja*, de 16 de fevereiro de 2005. E em seguida, traçaremos uma proposta didática (uma sequência didática) de como seria possível trabalhar com o gênero em questão e faremos uma análise de uma das cartas.

5.1 A seção "Cartas"

Antes de passarmos à análise, é preciso esclarecer que as cartas do leitor de uma edição de revista ou jornal sempre faz referência às notícias, reportagens, artigos ou matérias que veicularam na edição anterior. Normalmente, o destaque é para a reportagem de capa. A edição anterior tinha como manchete "O duelo das oito", com uma foto de capa da atriz Suzana Vieira, o que indicava que se referia à novela da TV Globo, "Senhora do Destino".

Nesta edição de *Veja*, foi possível constatar os seguintes números: 22 cartas no total; 8 cartas eram sobre a reportagem de capa; 2 cartas sobre a eleição na Câmara Federal; 1 carta para os demais assuntos tratados na edição de 09 de fevereiro de 2005; duas páginas e meia foram ocupadas nas primeiras páginas da revista. Isso demonstra, levando-se em conta o volume da revista que tem 106 páginas, que a seção não é tão relevante assim para a revista.

Esse quadro mostra que assuntos relevantes para o país e para a sociedade como um todo, como política, saúde, meio ambiente não merecem tanta atenção do leitor/cidadão, pelo menos é a ideia que nos passa o discurso desta seção da revista.

As cartas são reunidas por blocos temáticos, ou seja, são reunidas em ordem de acordo com o assunto abordado, identificado com um título que remete ao título do texto jornalístico motivo da carta. A revista traz, ainda, na segunda página, um quadro com “Os números” da “Correspondência da semana” com os seguintes dados:

- E-mails – 1357
- Cartas – 74
- Fax – 19
- Total – 1450

No mesmo quadro, logo abaixo, vem “Assuntos mais comentados” com os seguintes números:

- Senhora do Destino (capa) – 62
- Eleição na Câmara – 49
- Diogo Mainardi – 26
- Lya Luft (Ponto de vista) – 19
- Republicanos – 10

Esses quadros nos fornecem informações no mínimo curiosas que é a quantidade de *e-mails*. Esse gênero parece estar substituindo a carta (o *e-mail* é um gênero que também tem como base a carta), contudo, diante do número de *e-mails* recebidos, apenas três das “cartas” foram identificadas pelo suporte *internet*. Ou seja, mesmo sendo identificados como *e-mails* foram classificados como cartas. Seria o *e-mail* um novo tipo de carta?

Com relação ao assunto de maior destaque, a estatística do quadro corrobora a nossa assertiva anterior. O maior número de cartas foi para a reportagem de capa. Porém, entre as oito cartas que fazem referência ao assunto, duas delas, apenas, são de repúdio e severa crítica à “alienação” de quem assiste a novelas e se esquece de questões verdadeiramente relevantes dentro da sociedade; e uma outra, faz uma crítica a uma afirmação que teria feito o autor da novela, Agnaldo Silva, sobre os roteiristas de novela serem melhores que os de cinema no Brasil. Todas as outras são de rasgados elogios à revista pela reportagem e ao sucesso da referida novela.

No geral, as cartas analisadas não apresentam ideias conflitantes com as ideias do texto em questão. A ausência de confrontos de ideias na maioria deve-se, provavelmente, à triagem que a redação da revista fez de acordo com os seus critérios, que nos leva a crer que são editadas aquelas que lhes parecem mais favoráveis, sem embates. Isso faz com que as sequências argumentativas presentes sejam de anuência e não de confronto com as ideias desses textos.

Após essa descrição de caráter geral e de reconhecimento do “terreno”, partiremos para uma análise e proposta, de fato, que permita a construção de modelos didáticos de ensino-aprendizagem de análise e produção escrita de gêneros, norteados em Schneuwly e Dolz e Nascimento e Saito.

5.2 A carta do leitor: uma proposta didática (possível) de análise

Nesta subseção, faremos a análise de uma carta seguindo os critérios de análise anteriormente definidos. Dentro dos princípios de transposição didática que aqui assumimos, traçamos a seguinte *sequência didática*:

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Objetivos:

- *permitir ao aluno a leitura e análise de textos e desenvolver a leitura crítica e reflexiva sobre questões sociais;*
- *possibilitar ao aluno o contato com textos reais de opinião que circulam na mídia e com isso desenvolver a habilidade de expor a sua opinião segundo um modelo dado;*
- *levar o aluno a produzir textos em que predominem a sequência argumentativa (textos de opinião).*

Conteúdos:

- *gênero textual carta do leitor;*
- *sequência argumentativa (texto dissertativo argumentativo);*
- *textos de opinião.*

Anos: 9º(EF) e 3º (EM)

Tempo estimado: uma unidade.

Material necessário: revistas e jornais.

Desenvolvimento:

- *1ª etapa: leitura e análise de um exemplo de carta do leitor retirado de uma revista ou jornal.*
- *2ª etapa: 1) Qual a temática da carta? 2) Qual a forma de linguagem predominante? 3) Qual o grau de relevância político-social do assunto? 4) Há a predominância ou não de sequências argumentativas? 5) O contexto de produção do referido gênero: função social do autor; imagem que o autor tem de seu destinatário; locais ou veículos onde o texto possivelmente circula; contexto sócio-histórico possível da produção; objetivo do autor do texto.*
- *3ª etapa: seleção de outros textos do mesmo gênero dos mais variados temas e abordagens para leitura e análise individual e coletiva.*
- *4ª etapa: seleção de um texto original veiculado em revista ou jornal para leitura e análise e leitura das cartas do leitor que foram editadas sobre o referido texto da edição anterior.*

- 5ª etapa: seleção de um texto retirado de uma edição recente para leitura e análise.

Avaliação: uma produção coletiva e uma produção individual de uma carta do leitor sobre o texto selecionado e lido em sala que deverá ser enviado à revista ou ao jornal de onde foi retirado o texto em questão.

Esse gênero textual permite o enriquecimento interdisciplinar da sequência didática ao se focar a sócio-história do gênero (uma vez que o gênero não é criado no momento da interação, o gênero nos é dado, existe antes de nosso uso, o que faz dele um artefato sócio-cultural), a sociedade onde emergiu, o local de surgimento do gênero, as razões históricas pelas quais esse gênero surgiu nos jornais e nas revistas brasileiros em um momento social e político determinado, etc.

Tomaremos o texto abaixo como exemplo para o exercício da proposta de sequência didática acima exposta.

Floresta

Quantos sentimentos tristes não levanta a matéria "A revolução verde" (9 de fevereiro)? O atraso do Brasil está na falta de percepção das oportunidades de trabalho latentes na preservação e recuperação dos biomas, inclusive a Amazônia. O desenvolvimento econômico poderia se beneficiar mais da proteção e da recuperação que da destruição. Pergunta-se se o Ibama não é conivente.

Harald Hellmuth - por e-mail

Questões norteadoras:

1) Qual a temática da carta?

A temática se refere à preservação e recuperação do meio ambiente e desenvolvimento econômico presente na matéria "A revolução verde".

2) Qual a forma de linguagem predominante?

A forma de linguagem predominante é a formal padrão.

3) Qual o grau de relevância político-social do assunto?

O assunto é uma questão que está em discussão no mundo como um todo e no Brasil não poderia ser diferente, portanto, é um assunto que interessa a todos que estejam preocupados com as questões ambientais e desenvolvimento econômico.

4) Há a predominância ou não de sequências argumentativas?

Por se tratar de um texto de opinião, o autor defende um ponto de vista em relação à opinião presente na matéria citada no texto e, por isso, contra-argumenta o que caracteriza a predominância de sequências argumentativas.

5) Qual o contexto de produção do referido gênero?

O contexto de produção do referido gênero permite uma exploração didática em direção à:

- *função social do autor – um cidadão preocupado com o meio ambiente e que entende de economia e sua relação com os biomas;*

A Didatização De Um Gênero Do Argumentar: A Carta Do Leitor

- *imagem que o autor tem de seu destinatário – leitores da revista Veja que também se preocupem com as questões ambientais;*
- *locais ou veículos onde o texto possivelmente circula – revista semanal de grande circulação no país;*
- *contexto sócio-histórico possível da produção – uma semana após a circulação da notícia citada pelo leitor;*
- *objetivo do autor do texto – despertar nos leitores a sensibilidade para os problemas ambientais e questionar as ações do Ibama.*

Outros aspectos podem ainda ser analisados, dados a sua pertinência.

O gênero carta do leitor seria um subgênero do gênero maior “carta”, ou seja, apesar de apresentar a mesma estrutura básica, tem natureza, finalidades, suporte e funções comunicativas diversas dos demais tipos de carta (carta pedido, carta resposta, carta pessoal, carta programa, carta circular, carta pedido de conselho, carta ao leitor etc.). A carta, devido aos fatores tempo/espaço, serve, modernamente, de base para o *e-mail* (o texto em análise foi enviado por e-mail).

O agrupamento proposto por Dolz e Schneuwly enquadra os gêneros textuais em relação aos domínios sociais em que circulam e às capacidades de linguagem requeridas para a ação do sujeito produtor. Reportando-nos à carta do leitor, pode-se observar que os textos se apresentam dentro do agrupamento do argumentar. O seu domínio social é o da discussão de problemas sociais controversos e a capacidade de linguagem é a da refutação, da sustentação, da negociação e da tomada de posição.

Em relação ao tipo de discurso predominante (narrar ou expor), predomina um discurso da ordem do expor. Nesse tipo de discurso o produtor procura expor o que pensa, defendendo uma opinião, sustentando-a com argumentos, considerando possíveis contra-argumentos e levando o leitor a uma conclusão. Esse gênero é constituído por um discurso em que o produtor defende as ideias que expõe.

Nascimento e Saito (2006) salientam que os textos se apresentam com uma superfície linguística muito heterogênea, o que exige, por parte do professor, o cuidado na organização de atividades didáticas envolvendo a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal. A organização sequencial se articula em diferentes “tipos” textuais: sequências narrativas, descritivas, argumentativas, dialogais, explicativas e injuntivas. Em relação à carta do leitor, aparecem as seguintes sequências: a) sequência narrativa – “Quantos sentimentos tristes... (9 de fevereiro)”: a presença do organizador temporal (9 de fevereiro) marca linguisticamente o tempo em que ocorreu o fato narrado; b) sequência descritiva – “as oportunidades de trabalho latentes na preservação e

recuperação dos biomas.” A que predomina, contudo, é a sequência argumentativa, quando lança a premissa/tese: “O atraso do Brasil está na falta de percepção das oportunidades ...”, defendida nos argumentos expostos que vêm logo a seguir.

Os mecanismos de coesão presentes no texto: a retomada de termos, expressões ou frases já ditas ou sua antecipação: *recuperação/recuperação, preservação/proteção, “A revolução verde”/preservação e recuperação dos biomas*. O encadeamento de segmentos do texto: as frases se encadeiam linearmente numa sequência progressiva.

Daí, como etapa final desse processo, deve-se chegar à produção de texto: produzir uma carta do leitor a partir de uma matéria previamente selecionada, lida e analisada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é preciso dizer que o ensino de língua materna não pode prescindir do ensino de gêneros textuais, pois, como destaca Meurer (2000), o aprendizado da linguagem humana deve ser visto como o desenvolvimento da competência no uso dos diversos gêneros textuais presentes na sociedade. E diz mais o autor: “essa competência engloba igualmente a capacidade de compreender de maneira também crescente as práticas discursivas e as relações sociais associadas aos diferentes gêneros” (MEURER, 2000, p. 149).

Dito isso, faz-se necessário ainda acrescentar que, segundo o citado autor, as diversas pesquisas em torno dos gêneros textuais buscam produzir conhecimentos que respondam satisfatoriamente a relação entre os “[...] diferentes uso da linguagem e sua interface com o exercício da cidadania, isto é, o exercício de compreender a realidade e agir sobre ela, participando de relações sociais e políticas cada vez mais amplas e diversificadas” (MEURER, 2000, p. 152).

A carta do leitor é um gênero textual que pode ser transposto para a sala de aula, uma vez que se trata de um instrumento simbólico, porque é constituído pela linguagem, com a qual o cidadão se posiciona criticamente sobre fatos sociais que o atingem. Ao fazer uso da linguagem de maneira efetiva, exercendo a cidadania, comunica ao mesmo tempo em que exercita práticas discursivas e participa das relações sociais e políticas que ela implica. A partir do momento que o aluno escreve uma carta para uma revista ou jornal expondo o seu ponto de vista, há uma prova cabal de que teve uma tomada de consciência de que é um cidadão e que compreendeu

a realidade que o cerca e que ao escrever uma carta, está agindo sobre ela, afinal, como afirma Bezerra (2003, p. 214), “a carta do leitor é um texto com uma função social [...]”.

Ao argumentar, demonstra que tem opinião, ponto de vista e que não é passivo diante da realidade político-social do país. É este o papel da escola e do ensino de língua materna: formar cidadãos que compreendam a sociedade em que se inserem e tenham *capacidades de linguagem* para expressarem o seu posicionamento sobre temas político-sociais que necessitam ser questionados pelo cidadão que exerce o seu direito de expressar uma *contrapalavra* (BAKHTIN, 1982).

Enfim, o ensino através de gêneros textuais possibilita ao aluno contato com textos reais inseridos no contexto sociocultural, bem como se pode explorar o conhecimento prévio que ele tenha, propondo uma relação mais efetiva entre a teoria e a prática na medida em que o aluno é levado a produzir efetivamente e com isso ele se aproprie dessa ferramenta e faça uso dela na vida prática. Por fim, enfatizamos que esse gênero permite um trabalho didático com o contexto de produção bem atual, quase simultâneo em relação ao contexto da recepção.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Da redação ao gênero textual: a didatização da escrita na sala de aula. In: MOURA, Denilda (org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 135-138
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula?. In: DIONISIO, Angela Paiva.; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 208 - 216
- CARDOSO, Denise Porto; SILVA, Antonieta Emanuele S. da. Carta do leitor: atividades para o ensino médio. **Interdisciplinar**. v. 2, n. 2, jul/dez de 2006. p. 13-20
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva.; MACHADO, Anna Rachel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19 - 46
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros discursivos e oralidade e escrita: o texto como objeto de ensino na base de gêneros**. (mimeo.) UFPE, outubro, 2001.
- MEURER, José Luiz. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota.; TOMITCH, Leda Maria Braga (orgs.). **Aspectos da linguística aplicada: estudo em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn**. Florianópolis: Insular, 2000. p. 149 - 166

NASCIMENTO, Elvira Lopes; GONÇALVES, Lidia Maria; SAITO, Cláudia Lopes Nascimento. **Gêneros textuais**: uma abordagem do ensino de língua portuguesa. Ponta Grossa: UEPG/CEFORTEC, 2004. (vol. 1)

NASCIMENTO, Elvira Lopes; SAITO, Cláudia Lopes Nascimento. **Transposição didática de gêneros textuais**: um enfoque metodológico. 2006. (no prelo)

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (et colab.). Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 71 - 90

VEJA. Cartas. Edição 1892, ano 38 - nº 7, 16/02/2005.